

Monte de Caparica

David,

Ainda me lembro do dia em que te conheci.

Lembro-me do dia em que olhei para ti pela primeira vez.

Não me lembro exatamente de qual era o dia do ano ou da roupa que tinhas vestida. Nem das primeiras palavras.

Agora, parece que não passou um dia desde o primeiro.

Conhecemo-nos nas praxes, na faculdade, em 2007. Tu eras o menino rico com roupa de marca. Cara de snob. Olhar de superioridade. O menino dos Salesianos e de boas famílias.

A antipatia foi imediata. Não te achei minimamente atraente. Achava que eras carrancudo e antipático.

Éramos colegas de curso há cinco anos, mas eu mal te conhecia. Detestava-te. Achava-te insuportável. Tudo em ti me desagradava. A tua maneira de ser, de falar, a tua postura. Tudo me irritava profundamente. Principalmente quando dizias que, para ti, eu era um homem.

Não havia um único assunto em que estivéssemos de acordo. Não havia um único dia em que não discutíssemos. Os nossos amigos diziam: «Mas vocês não conseguem perceber que isso é amor?»

A verdade é que não passávamos um dia um sem o outro. O meu dia não era igual se não te provocasse ou se não implicasse contigo. Esperava todo o dia para isso acontecer. Só que

não sabia. Dizia que estavam loucos por pensarem que o que tínhamos era amor.

Quando é que te olhei pela primeira vez?

Estavas tão diferente do gajo mimado que conheci no 1.º ano. Usavas roupas mais velhas e descontraídas, barba e cabelo rebelde. Totalmente desleixado. A única coisa cara que tinhas era o teu relógio.

Quando é que esses olhos castanhos, e essa pele morena, começaram a chamar por mim? Não consigo lembrar-me. Passaste por mim tantos dias. Não consigo lembrar-me das primeiras palavras. Só sei que houve um dia em que acordei e queria tudo em ti. Gostava de tudo o que eras. Mas não admitia. E nem o sabia.

A primeira vez que olhei para ti foi quando te sorri. Não o meu sorriso cínico e sarcástico, aquele que era perita em devolver quando falavas. Mas o meu sorriso de felicidade por estares ali. Nasceu do requinte do inesperado. Nem estava à espera, mas já sorria para ti.

Nunca pensei que fosses o gajo por quem iria apaixonar-me. Nunca pensei que fôssemos namorar. Mas quando te encontrei pela primeira vez, soube que eras o tal.

Irritas-me. Deixas-me louca. Tiras-me a resposta da ponta da língua. Provocas-me. Mordes-me. Fazes de machista para me irritar.

Um dia longe de ti não tem piada nenhuma.

Sara



Malveira

David,

Voltamos à infância. É frequente voltares atrás quando és adulto. Quando o menino desaparece do espelho.

Fui uma criança muito diferente da mulher que conheceste. Era tímida. Calada. Reservada.

Sempre preferi brincar sozinha. Preferia a companhia dos livros e das histórias que criava. Era muito observadora. Conseguia ficar horas e horas a contemplar as pessoas, as ruas movimentadas, as rosas do jardim dos meus avós. Nada disto me aborrecia. Ficava fascinada por observar a chuva ou os gestos quotidianos. Adorava o meu espaço. O meu mundo. O mundo em que muito dificilmente deixava entrar alguém.

Nunca contava nada a ninguém. Se estava muito feliz ou chateada. Se tinha os atacadores desapertados ou me doía a barriga. Ficava sempre em silêncio.

Era a mais nova dos primos. A candidata perfeita para ser o centro das atenções e para ser arrelhiada. Cresci numa terra pequena. Num bairro pequeno. Todos conheciam a minha família. Tinha o cabelo escuro, liso e uma franja que detestava, mas que a minha mãe insistia que tivesse. A minha mãe nunca acertou comigo. Nem com a franja.

Por ser pequenina, calada e por andar sempre de vestidinho e fitinha no cabelo, todos se metiam comigo. Sentia-me muito desconfortável. Era amável, mas não gostava que se metessem comigo. Provocava-me frio e desconforto.

Todas as pessoas do bairro adoravam meter-se com a neta mais nova da dona Milú. Na família, também todos gostavam de se meter com a caçula. Preferia ficar no meu quarto a ler ou ir passear para o jardim. Esse desconforto acompanhou-me durante a infância e a adolescência.

Conheceste-me como a rapariga mais extrovertida, divertida, risonha e cheia de vida. Consegues acreditar que eu seja assim tão tímida? A pessoa que tem sempre a resposta na ponta da língua é bem mais silenciosa. Raramente grita o que quer dizer. Quando sou tímida, sinto-me mais natural. É mais fácil. Mais intuitivo.

É irónico a quantidade de vezes que tento explicar que sou muito tímida. Ninguém acredita. Sou o centro das atenções para aproximar as pessoas e para as acolher. Acham que sou bastante frívola e espalhafatosa. Que faço dessa atividade o meu capricho. O meu entretenimento.

Sou tão tímida que me meto com todos para ninguém se meter comigo. Não quero ficar vulnerável, exposta. Em desvantagem competitiva. Decidi, durante a adolescência, que antes que as pessoas se metessem comigo, eu iria meter-me com elas. Assim elas perdiam a sua chance.

Sou tão insegura que sou sempre eu a dar sempre o primeiro passo. A iniciar o *flirt* e o engate. Sou eu que provoco e avanço. Nunca fui engatada ou cortejada. Nunca deixei que ninguém o fizesse. Tenho medo de que me vejam.

Habituei-me a vestir a pele da rapariga que está sempre alegre e a sorrir. Esta pele é útil. Dá para me proteger. Visto todas as peles necessárias para ser livre.

Mas, às vezes, só gostava de ser livre para ser a menina tímida, calada e reservada. Quantas vezes eu, ao usar com tanta perícia a minha arte de provocar, estou calada por dentro. Isto pode ser bem solitário. Sou bem cruel comigo.

Gostava que me deixassem estar calada. Sem estarem à espera de que eu desse a minha opinião ou fizesse uma piada. É esgotante.

É interessante como as pessoas são sempre bem mais do que aquilo que mostram. Todos vestem a pele que lhes convém. Que lhes fica bem. A sociedade raramente deixa que vivas debaixo da tua pele. A pele que habitas é a pele em que te escondes.

Nunca te esqueças: aconteça o que acontecer, volta sempre a ti. Isso é uma experiência de liberdade.

Nós queríamos fugir da própria pele. Seria tão mais fácil. Tão mais leve. Mas a liberdade, o verdadeiro sentido da liberdade, não é fugires de ti próprio: é voltares a ti. Mesmo que te roubem. Volta sempre a ti. Estes são os pensamentos dos revolucionários. Dos pensadores independentes.

A liberdade é ser-se quem se é por inteiro. Sem medo.

Aprendi a estar muito atenta aos comportamentos das pessoas. Àquilo que elas não dizem. Que não mostram. É o que elas são.

A menina volta sempre. Quando chego a casa e estou sozinha. É a menina que ainda habita debaixo desta pele. Não na pele que se esconde. Mas na que vive.

Alguns traços acompanham-me em adulta. São muito meus. A observação. A teimosia. O ter sempre uma opinião. O nunca me calar. O pavor da autoridade.

Sinto falta de ser criança. Era tudo mais simples. Com os meus avós sentia-me sempre acarinhada e protegida. A sua casa era o meu refúgio. Serei sempre a sua menina.

Dou por mim, sozinha, na minha vida tão agitada, a precisar de ser menina. Entre a infância e a idade adulta, houve uma fase em que me perdi.

Sara



Monte de Caparica

David,

Os nossos amigos acham estranho morares em minha casa. Dizem que somos loucos, que nos precipitámos.

Somos loucos. E depois?

Era estranho ter-te cá em casa. Teres a tua gaveta. As tuas coisas no meio das minhas. A tua caixa de cigarros, o teu computador, os teus livros preferidos. Na casa de banho, ocupo o armário todo com as minhas coisas de mulher.

Viver em casal tem muito que se lhe diga. Embirro com os teus hábitos. Grito por deixares as tuas coisas desarrumadas. Tu chateias-te por eu demorar tanto tempo na casa de banho.

Acordamos de manhã para ir para a faculdade. Fazes o pequeno-almoço e dizes que se eu demorar muito, vou a pé. Chamas-me «lontrinha» por estar sempre a comer.

O melhor de tudo é acordar e ter-te ao meu lado. Já te disseram que rressonas? O truque é fazer-te umas festinhas na barriga. Sorris, viras-te para o outro lado e paras.

Nunca pensei ser a mulher que passa a ferro a roupa do namorado. Detesto tarefas domésticas. Mas até estou a gostar de cuidar das tuas coisas.

Desde que começámos a namorar, nunca mais tive de me preocupar em cozinhar. Ainda bem que adoras. Eu detesto. És o rei da minha cozinha. Acho que me conquistaste pelo estômago.

Adoro os momentos que passamos na minha cozinha. O Sol bate de frente no teu lugar preferido. Enrolas o teu cigarro e ouves-me atentamente a falar. E eu falo tanto. Tanto. Sei que sou uma chata do caraças. Mas ouves-me sempre. Com a mesma calma. Com a mesma atenção.

Ao teu lado, sinto-me mais calma, mais protegida. Esta casa não é minha – é nossa.

Amo-te como cócegas na barriga.

Sara



Malveira

David,

Na casa dos avós volto a ser a menina.

Nas fotos de criança reconheço estes olhos castanhos e expressivos. Grandes e que queriam absorver tudo. O meu olhar de menina acompanha-me. Queria ser adulta. Acreditava que só assim poderia saber tudo.

Sempre tive gostos e interesses muito peculiares. Em pequena, já era apaixonada por literatura e poesia. Já contava histórias e dizia poemas.

Não gostava de uma literatura qualquer. Gostava da pesada para a minha idade. Lia os contos de crianças, mas também lia, com o avô, *O Peregrinação*.

O avô sempre leu comigo. Líamos juntos, todas as noites, antes de dormir. Era a nossa rotina.

– É importante ler, *beusinha*.

– Eu sei, vovô.

Líamos de tudo. Desde as histórias de África, às aventuras do Poirot e da Miss Marple. Nada escapava. A avó dizia que eu devia ler poesia.

– Sem poesia, ficamos brutos.

Sem poesia, a alma embrutece.

– Senhor Júlio, a Sara já sabe tanta coisa. Fala tão bem, a danada da miúda – diziam as vizinhas, quando íamos buscar o pão. Gostava de dizer coisas bonitas para os avós ficarem orgulhosos.

– Ela vai longe. Vai ser engenheira como o pai e o avô.

Não ligava muito a esses comentários. A avó dizia que isso não era assim tão importante.

A pior coisa que os adultos podiam fazer era não me levarem a sério. Tinha sempre uma opinião. Ser gozada por ser criança era um atentado. Uma afronta gravíssima para mim.

É típico dos adultos gozarem com as opiniões e as ideias das crianças.

Queria ser levada a sério. Só pensava em crescer e ser adulta, para compreender todas as coisas.

Queria entender as piadas dos adultos. Discutir os mesmos assuntos. Provar vinho. Ver os mesmos filmes. Não ter de ir cedo para a cama.

Nunca me calava. Mesmo quando estava a abusar e me lançavam aquele olhar. Tinha sempre de levar a minha avante.

Era bem teimosa. Recusava fazer as coisas só porque sim. Só porque me diziam. Não reagia bem ao mandamento pela força. Os avós nunca precisavam de a usar. Sabiam levar-me a bem. Fazia de boa vontade o que queriam.

Ainda sou assim. Quando levada a bem: mansa e dedicada. Mas quando me é exigido, «viro bicho», como diria a avó.

Os pais não têm tanta paciência como os avós. Vivíamos com os avós e eu passava pouco tempo com os meus pais. Tinha muita dificuldade em aceitá-los como figura de respeito e autoridade. Não os reconhecia como progenitores. Não sentia que lhes pertencesse. E isso revoltava-os bastante.

Os avós nunca me obrigaram a nada. Nunca gritavam. Nunca batiam.

Para o meu pai, era difícil aceitar a desobediência. Tinha quatro anos quando lhe disse que ele era um ignorante. Não sabia bem o que aquilo queria dizer. O estalo que me deu fez-me cair no chão. A avó sempre foi uma mulher firme, mas nunca a tinha visto gritar com ninguém. O meu pai voltou a ser o menino. Calou-se e saiu envergonhado quando ela o expulsou da cozinha.

– Tens de desculpar o teu pai, filha. Ele é nervoso, mas gosta muito de ti. – Ela diz sempre o mesmo para o desculpar.

Será por isto que nunca nos demos bem? Nunca aceitei os seus abraços. A nossa vida foi sempre assim: batermos de frente. Estarmos em lados opostos. Ele a exercer autoridade

e a avó a pedir para eu o desculpar. Ele pedia-me desculpa a chorar. E eu desculpava. As crianças perdoam sempre. Quantas vezes mais terei de lhe perdoar?

Magoei-o pela preferência que tinha pelos meus avós. Jamais tivemos a mesma cumplicidade. Nunca consegui tratá-lo com o mesmo carinho. Ele tinha ciúmes.

Falamos pouco. Trocamos as palavras formais que dita a boa educação. Vemo-nos só no Natal. Sei que a avó fica muito triste por ser assim.

– Desde pequenina que és tramada. O mau feitio e a teimosia veio logo no berço. – A avó ainda hoje brinca com isso.

Sou «torcidinha», como dizias. A tua «torcidinha».

Conheces pessoa mais fiel e dedicada aos que ama? Sou fácil de domar. Sou daquelas que só se domina com amor.

Sara



Monte de Caparica

– O que te deixa feliz?

– Livros, papel em branco, viagens, comida italiana, acordar tarde, pequeno-almoço na cama.

– Ok. A partir de hoje, vou fazer todas as coisas que te fazem feliz. Já tenho tudo anotado. Se me faltar alguma coisa, diz.

– Então, e eu? Não faço nada para ti?

– Não precisas de fazer nada. Eu vou ser feliz só para te fazer feliz. Vou ser feliz contigo.

Começaste a rotina para me fazer feliz. Os homens deviam ser todos assim tão pró-ativos. Durante aquele mês, trouxeste-me livros e papel todas as semanas. Cozinhaste quase sempre pratos italianos e levaste-me o pequeno-almoço à cama.

Deixaste-me acordar tarde ao fim de semana sem refilares e começámos a planear a nossa viagem de verão. Iria ser o nosso primeiro verão. Esperara por aquele verão toda a minha vida.

A única coisa que me pedias em troca era poderes fazer festinhas na minha barriga sempre que quisesses. Poderes beijá-la a toda a hora. Sempre foi a tua parte preferida do meu corpo.

Acariciavas a minha barriga, tão devagar e com tanto cuidado, e perguntavas como é que alguém podia ter uma barriga tão perfeita. Depois, rias-te para cima dela, agarravas-te e dizias que não querias sair dali. Eu ria-me contigo. Nunca tinha prestado muita atenção à minha barriga; nunca pensei que alguém pudesse achá-la tão bonita.

Quando a beijavas e dizias que era a tua barriguinha, eu imaginava se algum dia irias beijar a minha barriga quando esperasse um filho teu – um filho nosso.

Tu és o primeiro. O primeiro homem, o primeiro namorado. Dizem-me que nunca se acerta no primeiro. Assusta-me um bocado. Queria mesmo acertar contigo.

Não me interessa o que dizem. Só estou preocupada em sermos felizes.

Sinto-me uma mulher bonita. Sou tão bonita de tão amada por ti.

Amo-te como o amanhecer.

Sara



Monte de Caparica

David,

Uma das coisas que aprendi contigo foi beber. Beber como um homem.

A minha primeira grande bebedeira, daquelas em que tiveste de me arrastar, foi contigo.

Dantes bebia pouco. Uma cerveja numa festa na faculdade e pouco mais. Contigo, aprendi a gostar de um bom vinho tinto. A desfrutar de um copo enquanto se janta ou durante uma conversa a dois.

Nunca consegui compreender como é que consegues beber e fumar tanto, e manteres-te vivo. Gostava de fumar, mas nunca me deixas. Desafias-me a beber contigo, a aguentar como um homem, mas nunca me deixas fumar.

Nas nossas noites no Bairro, começamos com cerveja. Os donos do bar já te conhecem. A primeira vez que lá fomos pediste para fazerem aquele *shot* especial para mim. Sacana – quase me mataste!

Começámos a nossa competição mensal de *shots*. Fazíamos uma vénia, brindávamos e que ganhasse o melhor.

– Três *shots* e já estás a morrer? Que menina...

– Cala-te! Paga o próximo e vou meter conversa com aquela loirinha.

– *Uhuhuh*... Pago-te mais dois se conseguires dar-lhe um beijo.

Bebi o quarto *shot* e fui meter conversa com a rapariga. Dei-lhe um beijo leve na boca. Pegaste no telemóvel para tirar uma fotografia – sabia que irias gozar com isto a semana toda.

– Carla, serve mais dois *shots* a esta mulher.

Regressei à mesa, já bastante tonta e a rir.

– Muito simpática. Chama-se Ilze e é da Letónia.

– Como é que conseguiste que ela te desse um chocho?

– Foi fácil. Disse-lhe que o parvo e bêbedo do meu namorado tinha dito que eu não conseguia. Sabes, as mulheres conseguem ser bastante unidas quando se trata de dar cabo dos homens.

– Mulher, tu assim vais dar cabo de mim.

– Estou aqui para isso.

Rimos, brindámos e voltámos a beber. No dia seguinte, mal conseguia levantar-me da cama.

– És um traste, sabias? Nem consigo levantar-me com as dores de cabeça e de estômago. Estás a matar-me.

– Tens de ir aos treinos, minha menina. Para ficares rija.

Levantei o braço e fiz-te aquele sinal com o dedo. Tu riste-te.

– Ah, ah, ah! Que ordinária! Estou aqui pronto para outra. Se tivesses comido um ovo no pão com queijo, como te tinha dito, não estavas de ressaca.

– Só de pensar dá-me vontade de vomitar. Traz-me um chá, por favor.

Saí a correr do quarto para ir vomitar. Correste atrás de mim, sem parar de rir.

– Sabes uma coisa? Amo-te.

– Eu também.

Um homem que diz que me ama, mesmo quando cheiro a vomitado, merece ser o pai dos meus filhos. Mesmo com aquele cheiro, dormias ao meu lado. Éramos os amantes menos convencionais do mundo. Os maiores românticos nas coisas básicas e parvas que partilhávamos. Uns românticos incuráveis. Daqueles que têm um romantismo tão grande pela vida que amam incondicionalmente.

Após estas noites, ficava sempre de ressaca. Mas tu ficavas ao meu lado. Não me largavas por um minuto. Gozavas tanto com a situação que até estas dores terríveis eram divertidas. Trazias-me chá e torradas. Seguravas-me na cabeça enquanto vomitava e dizias as tuas piadas estúpidas. Limpavas-me a cara e levavas-me ao colo para a cama.

– David, acho que temos de parar de beber assim. Quero aproveitar os meus dias para fazer coisas interessantes. Isto assim é deprimente.

– Ok. Vamos fazer como quiseres.

A bebedeira mais épica que apanhámos juntos foi em Coimbra. Fomos passear com o nosso grupo de amigos do

costume. Claro que a nossa tarde tinha de acabar com petiscos, bebidas e a falar do sentido da vida.

– Foda-se! Quem é que nunca teve um desgosto de amor? – disse o *Velho*.

– Os desgostos de amor são como as bordas do cu. Quem as não tem?

– Bordas do cu, quem as não tem?

Começámos a cantar em coro com a melodia das *Cartas de Amor*. Até o empregado se juntou a nós, a rir, e nos ofereceu mais uma rodada.

– Tiveste um desgosto de amor recentemente, *Velho*? Vai ali ter com aquela miúda e pergunta: «Como é que é? Vamos? A ti não te custava nada e a mim dava-me um jeitaço.»

A mesa explodiu a rir.

– Sara, às vezes parece que tens pila. És rude como um homem – disse o *Batata*.

– A culpa é vossa. Se bem que a maior influência é deste gajo com quem namoro.

– É. Agora sou um grande paneleiro.

Rimos, demos um beijo e fizemos mais um brinde.

Durante a noite, convenci umas estudantes de Erasmus a fazer *body shots*.

– Se lambes a barriga de alguma gaja, corto-te a pila. Sabes disso, não sabes?

– Faz mais sentido cortares a língua. Mas com a minha mulher não brinco. Sei que ela está a falar a sério.

Estava para lá de bêbeda. Bêbeda ainda consigo ser mais desafinada. Subi para cima da mesa com as meninas e cantei-te uma música de amor pindérica. Foi horrível. Não se deve deixar uma mulher tão alcoolizada fazer coisas destas.

Lembras-te o quanto nos preocupaste nessa noite? Tinhas desaparecido quando íamos para casa. Estava furiosa, só queria bater-te. Pensava que tinhas ido dar umas voltas com uma daquelas galdérias. Encontrámos-te num jardim, deitado, com

CATARINA RODRIGUES

o casaco a tapar uns ramos de uma árvore e com o teu braço por cima.

– Podes explicar-me porque é puseste o casaco por cima de um ramo de uma árvore?

– Pensava que eras tu. Não queria que apanhasses frio.

Agarrei-te. Estavas gelado. Nem conseguia acreditar que, mesmo a cair de bêbedo, te lembravas de mim.

Sempre fui tão certinha. Nunca acreditei que ao teu lado pudesse ter coragem para fazer estas coisas. Para ser tão livre. Para largar todos os pudores. Para fazer tudo para te agradar. Para te desafiar. Para te divertir. Tudo para seres cada vez mais meu.

Amávamo-nos nestas parvoíces. No meio deste palavreado vulgar e rude. Da asneirada. Mas nem o Camões tinha tanto brilhantismo como o nosso amor.

No meio das minhas burgadas, asneiras e bebedeira, amava-te perdidamente.

Sara



Lisboa

David,

Os meus pais nunca tiveram muito jeito para ser pais. Nem jeito, nem vontade.

Foram sempre irresponsáveis e negligentes. Quero acreditar que não fizeram por mal.

Quando vivíamos com os avós, era simples para eles serem pais. Os meus avós tratavam das tarefas chatas que exige a educação.

Quando tinha sete anos, o meu pai e o meu avô tiveram uma grande discussão. Não percebi bem porquê. Talvez pela

irresponsabilidade do meu pai. O avô perdeu a cabeça e expulsou-o de casa. Ele disse que, se se fosse embora, nos levava, a mim e à minha irmã. A avó implorou para ele não nos levar. Ele não nos levou porque queria, levou-nos para ferir o meu avô.

Fomos morar para uma casa muito mais pequena. Não estávamos habituados a estar os quatro juntos e a minha mãe também não estava habituada a preparar refeições nem a dar-nos banho. O meu pai não ligava muito. Saía de manhã cedo para trabalhar e só voltava à noite.

A minha irmã tinha três anos e precisava muito de atenção. A minha mãe saía de casa e deixava-nos em casa horas e horas sem comer. A mana chorava muito e eu não sabia o que lhe dar para comer. Era uma criança a tomar conta de outra criança.

Os meus vizinhos achavam-me piada. Costumava vender-lhes os meus desenhos e outros trabalhos manuais, para ganhar algum dinheiro. Os avós tinham-me ensinado que para ganhar dinheiro temos de fazer alguma coisa para o merecer. Temos de trabalhar para ganhar o pão. Levava isso muito a sério.

Com o dinheiro que ia juntando, dava para ir a cafés com a minha irmã, para comermos qualquer coisa. Quando estávamos muito desesperadas, ligava a um taxista amigo da minha avó para nos levar para casa deles.

– Senhor João, pode levar-nos a casa da minha avó? Tenho aqui estas moedas todas para lhe pagar.

Ele olhava-nos com pena, sujas e com fome.

– Deixa lá, filha. Guarda para ti e para a mana. Depois, faço contas com a tua avó.

Chegávamos esfomeadas a casa da avó. A avó ensinou-me o que devia dar à mana para comer quando estivéssemos sozinhas e dava-me dinheiro para as emergências. Nos fins de semana e férias, tínhamos autorização para ficar em casa dos avós. Contávamos os dias para ficar com eles.

A minha mãe chegava sempre a casa perto da hora do almoço. Nunca soube o que ela andava a fazer, mas chegava

muitas vezes carregada de compras. Esquecia-se de nos dar o almoço ou o lanche. A maioria dos dias chegava tarde à escola. Não sei como conseguia ser boa aluna. Tantas vezes estava nas aulas tonta e com fome. Preocupada com a minha irmã bebé, que ficava sozinha em casa. A minha irmã foi um bebé com problemas de nutrição devido aos desleixos da minha mãe. O meu pai nunca ligou. Foi sempre indiferente a estes acontecimentos. Só queria que ninguém o chateasse quando chegasse a casa. Queria ver televisão ou ler o jornal, descansado. Não valia a pena contar-lhe o que acontecia – ele nunca acreditou.

A minha mãe começou a perceber que eu tinha dinheiro. Começou a roubá-lo. Quando comecei a trabalhar, aos 17 anos, ela também o exigia ou roubava. Queixava-se de que tinha muitas despesas connosco.

A minha mãe sempre foi uma gastadora compulsiva. Gastava muito dinheiro em roupa e acessórios. Eu e a minha irmã vestíamos a roupa que era dos nossos primos. A maioria das vezes andávamos com roupa velha.

Nas lojas da nossa terra, as pessoas mandavam-me bocas por causa da minha mãe. Os meus colegas na escola gozavam comigo.

– A tua mãe ainda não veio pagar a encomenda que me fez há um mês. Do que é que ela está à espera?

Tinha vergonha de entrar nas lojas nem que fosse para comprar um chocolate ou uma revista. Tinha medo de que me acusassem de alguma coisa.

O meu pai sempre viu só uma coisa à frente: a minha mãe. Nunca se preocupou connosco. Ele vivia para ela e sofria com as mentiras e as dívidas que ela contraía.

A minha mãe costumava viajar muitas vezes com as amigas. Nessas alturas, ficávamos sozinhas com o meu pai. Numa noite, encontrei-o na sala a beber *whisky* e a ler umas folhas. Parecia desesperado.

– Pai, aconteceu alguma coisa?

– A tua mãe voltou a desgraçar-me. Ela deve pensar que sou rico para andar a pagar as dívidas dela.

– Foi muito dinheiro, pai?

– Não devias estar a dormir? Amanhã, tens aulas cedo.

– Eu sei. Mas a mãe esqueceu-se de nos deixar dinheiro para a semana. Amanhã, a mana tem um passeio da escola e eu também preciso.

– Tu e a tua mãe são as duas iguais: umas cabras interesseiras. Só querem saber de mim para terem o meu dinheiro, não é? Não queres saber do teu pai e agora vens aqui pedir dinheiro. Não tens vergonha, sua ordinária?

– Pai, só vim aqui porque não temos mais.

Ele começou a gritar e a chamar-me nomes.

– És igualzinha à cadela da tua mãe. E a tua irmã também. Não valem nada. E julgam o quê? Que sou algum otário? O meu dinheiro é que vocês não vão ver, suas ordinárias de merda.

A mana tinha acordado com os gritos e foi a correr à sala. Ela teve sempre o instinto de me defender.

– Não falas assim com a minha mana.

E deu um pontapé ao vosso pai.

Ele deu-lhe um estalo que fez a pequenina voar. Nunca conseguirei perdoar-lhe. Naquele dia, fomos para a cama sem falar. Sabíamos que o nosso desejo era que um dia ele morresse e nos deixasse livres.

Os meus amigos acham piada à maneira como eu como. Dizem que nunca viram ninguém comer com tanto cuidado. Trato a comida com a maior delicadeza. Dá gosto ver-me comer, porque tenho mesmo prazer. Faço-o sem me aperceber. Gosto de comer e preocupo-me muito com o que como. Cada vez mais. Sei o que é sentir fome. O que é passar horas sem comer, sentir-me fraca e com dores de estômago. No início, custa. Mas depois, o corpo habitua-se.

Sei o que é sentir a raiva de pedir comida e dinheiro, e não os ter. Por implorar migalhas. Prometi a mim mesma que

CATARINA RODRIGUES

quando fosse adulta não teria de implorar por comida ou dinheiro a ninguém. O meu maior medo é um dia ficar sem trabalho e passar fome. Ter de pedir a outros que me alimentem.

A fome e os maus-tratos não se esquecem. Carregam-se na idade adulta. Uma criança magoada é um adulto inseguro e com medo.

Tenho tantos medos. Tantos.

Sabes, nesta vida – na única que tens para viver –, precisas de pouco.

Eu aprendi desde cedo o valor do sacrifício.

Sacrifício é tudo o que deixas para trás para seguires em frente. É o desapego da tralha, de toda a tralha – inútil –, que carregas no peito.

Ficas com a única coisa de que precisas para a tua viagem: tu.

O sacrificio é uma fome que se ignora – uma fome que se esquece.

A boca não dói quando passa fome, a boca não dói quando falas. A boca dói quando te calas. É aí que tu caís – por fim.

E o mundo, esse mundo – que carregavas sozinho às tuas costas –, cai contigo. Esta é a morte de todos os heróis.

A fome foi – e eu fiquei.

Sara



Monte de Caparica

Chegaste a casa. Tinhas ido jogar futebol com a malta. Estava a ver televisão, à tua espera para jantarmos. Puseste-te em frente à televisão e puxaste as calças para baixo.

– Sabes que eu estava a ver isso, certo?

– Achas que a minha pila é pequena?

– Não sei. Não tenho termo de comparação. Mas parece-me bem.

– Bem, como? Robusta? A malta no balneário disse que era pequena e que parecia um *Toblerone*.

– Um *Toblerone*? Eu gosto de *Toblerone*.

– Achas que é muito feia?

– O objetivo de uma pila não é ser bonita. É ser funcional.

– És sempre assim tão científica quando és romântica? Estou a sentir-me um objeto sexual.

– O que é que se faz com uma pila gira? Vais levá-la a passear? Tem é de funcionar bem.

– Agora percebo porque é que ainda não me apresentaste à tua família.

A nossa rotina tem estas parvoíces. Estas parvoíces que nos fazem tão felizes. Rimos que nem uns perdidos. Tropeçaste nas calças e caíste no chão. Levantei-me para te ajudar, mas puxaste-me de encontro a ti.

– David, para de tentar despir-me. Quero ir jantar.

É claro que não conseguia resistir. Em poucos segundos já estava sem roupa.

– Uau! Hoje vestiste o pijama do castigo.

– Claro. Mas não era para agora. Era só para a sobremesa.

Quando visto uma lingerie *sexy*, chamas-lhe «pijama do castigo». No início, achava esse nome tão azeiteiro. Queria uma cena com mais *glamour*, mas acabei por me habituar e achar piada.

Fizemos tanto barulho que a vizinha cusca, que morava ao nosso lado, foi bater à porta.

– Os meninos não sabem que já está na hora do silêncio? Se continuam assim, tenho de telefonar à Polícia.

– Chame a Polícia, por favor! Salve-me. A minha mulher mantém-me como escravo sexual, nem me deixa comer: só quer é pinar. Um homem não aguenta.

Tentei manter uma cara séria e pedir desculpa à senhora. Mas era impossível contigo assim. Quando voltámos a casa,

só nos ríamos. Com a preguiça, acabámos por mandar vir uma piza e bebemos vinho tinto.

És tão parvo. Irresponsável. Desorganizado. Adoro.
Sou tão feliz contigo que nem acredito.

Sara



Lisboa

David,

Durante as refeições, o avô tem o hábito de contar as suas aventuras pelo mundo. Há histórias que já sei de cor. Com ele, e com as suas aventuras, cresceu a minha vontade de conhecer outros países. Ganhei o seu espírito aventureiro.

Com o avô, comecei desde de pequena a comer iguarias de todo o planeta. Havia o dia do *stroganoff* do avô. Ele dizia que, por ter estado na Rússia, era o único que sabia como se fazia. A hora do chá no samovar, o dia do caril. O avô dizia que só aceitava cozinhar com os ingredientes comprados no Martim Moniz. O que irritava sempre um bocado a avó.

– Raio do homem que está com os cornos virados! – dizia ela, por causa da picuinhece.

– Esta mulher dá-me cabo do juízo. Preferia andar embarcado, em alto-mar, meses a fio do que aturar esta velha casmurra.

O meu pai cresceu longe do pai. Sei que, ao contrário de mim, nunca tiveram uma relação muito próxima. Acho que, com a idade, o autoritarismo e a frieza do avô se atenuaram com as netas.

Este é o avô que, desde pequena, me dá a mão. O avô que me ensinou a gostar de viagens, de arte e de literatura. O avô das

grandes conversas e das grandes histórias. Tenho 26 anos, mas o avô continua a chamar-me «bonequinha» e «princesinha».

Quando eu era pequena, chamava-me «*beusinha*». Acho que era um termo usado em África. Ou então «raposinha», por eu ser tão matreira.

Com o avô, tínhamos hora para tudo. «Hora da lição», para fazer os trabalhos de casa. «Hora do recreio», para ir passear no quintal. «Hora do doutor», quando estava doente e tinha de tomar os medicamentos. Como eu detestava ficar de cama, dizia-lhe sempre que já me sentia bem. Mas ele dizia: «*Beusinha*, aqui o doutor é que sabe.»

Quando chegou a altura de escolher o curso, ele não me deu os conselhos que me dera anteriormente. Não me disse para escolher algo de que gostasse e que desse dinheiro. Só me disse que confiava em mim e que não importava a minha decisão, pois ele sabia que seria a melhor e a mais acertada para mim. Nunca questionou as minhas escolhas.

Ofereço-lhe sempre um livro no Natal ou pelo aniversário. E, todos os anos, ele me pede para escrever uma dedicatória.

– Quero que todos saibam que fui o teu primeiro fã. O número um! Um dia, este autógrafo vai valer dinheiro.

– Oh, avô! Achas mesmo que sim?

– Claro. Sabes que eu sou um gajo esperto e com olho para o negócio, e já estou a antecipar-me.

O avô nunca teve muito jeito para o negócio. Nem para regatear com os ciganos que vendem aqui na feira.

– Nunca te esqueças de escrever, *beusinha*. O teu fã número um vai estar sempre aqui.

Quando volto à casa dos avós, volto a ser menina. Volto a ir para o quintal onde brincava. Volto para junto das capoeiras e das árvores de fruto. A herança dos meus avós é a minha narrativa.

Quando era pequena, costumava dormir no meio dos meus avós e adormecia sempre agarrada à orelha do avô. Tínhamos

o ritual de ler juntos excertos de um livro, todos os dias, antes de irmos deitar-nos. Agora, não estamos sempre juntos. Mas o avô diz que todos os dias eu estou com ele, porque quando ele lê é como se eu estivesse ao lado dele.

Sara



Monte de Caparica

David,

É como se tu fosses a expressão. E o meu corpo, palavras.

O teu corpo são palavras que escrevo. Em ti, escrevo a nossa história. Tu és o verbo e eu, a palavra.

O teu corpo são palavras que conheço. Ou que invento.

Tu és as palavras que se juntam e fazem sentido. Escritas na minha pele. E eu bebo de ti.

O corpo são as palavras em movimento. Os olhos são palavras do que vai cá dentro, mas não se sabe dizer. Os ouvidos são palavras que gravam. A boca são palavras que fogem.

Tu és a palavra e eu, o verbo. Conjugado em todas as formas.

E não sou eu que encontro as ideias. São elas que me encontram a mim.

Quero encontrar em ti as palavras que escapam. Que me faltam. Que me assombram. As palavras que me aquecem. E arrefecem – por já as ter esquecido.

Tu és o conceito. Eu, a expressão.

É tudo meu. És todo meu. Eu sou a senhora. A única guardiã do teu corpo.

Também chamarias «princesa linda» a outra mulher?

Eu não quero ser só a mulher. Quero ser a mulher entre as mulheres. A do ventre abençoado. Quero ser o peito onde te

deitas. O colo onde choras. Não quero ser a mais importante.
Quero apenas ser a mulher para ti – a tua mulher.

Quero ser lábios para ti.

Quero ser lábios que beijam. Lábios que mordem. Lábios
que devoram. Quero ser os lábios onde te prendes e moras.

Quero ser corpo para ti.

Corpo e palavra. O teu corpo são palavras que escrevo.
Que eu bebo.

Pele. Pele em que me repito. Uma e outra vez.

Há partes do meu corpo que eu nem sabia que podiam
vibrar assim.

O corpo um dia vai. Às palavras só lhes resta a eternidade.

Tu és a minha aventura. A minha viagem ao mundo.
O meu pecado. O meu santuário.

Tenho conhecimento do corpo. Percebo-o. Sei o que ele quer.
Como ele pensa. Como reage. Sei-o. Sinto-o. Como parte de mim.
O conhecimento do corpo é uma coisa profundamente espiritual.

O meu corpo gosta de ti. E eu também.

Corpo também é palavra. Palavra escrita e repetida.

O que te faz escrever bem? Somente a experiência.

Experiência é onde a palavra vive. Vive para sempre. Repli-
cada no papel.

Cansei-me de guardar as palavras. Quero levá-las ao mundo.

Sara



Malveira

– Não comes mais, filha?

– Não. Estou sem fome.

– Ainda estás zangada com a mamã?

Não lhe respondi. Saí da cozinha sem acabar de comer.

Aquela comida nem aos porcos se dá: requentada e mal cozinhada.

Fui para o meu quarto. Comecei a fazer os trabalhos de casa. Era muito boa aluna e tinha orgulho em ter tudo organizado. Estava no 7.º ano. A mulher seguiu-me e entrou no meu quarto. Olhei para ela com ferocidade – ela sabia que eu não gostava de que entrasse no meu quarto. Aquele era o meu território.

– Estás zangada com a mamã por ter levado aquele dinheiro emprestado?

– Não te emprestei aquele dinheiro. O dinheiro era meu e tu levaste-o sem me pedires. Chamam a isso roubo, sabes?

A mulher chega perto da minha secretária e observa o que estou a fazer.

– Sempre foste tão boa aluna, filha. Desde pequena que és das melhores da turma. Todos os professores me dizem.

Penteia-me o cabelo. Ignoro-a e continuo a fazer os trabalhos de casa.

– Quando fores mãe, vais perceber. Um filho é uma preocupação constante. Dá muita despesa. Despesas com saúde, educação, roupa. Uma mãe nem sabe para onde se virar.

Senti-me enojada. Queria vomitar na cara dela. A mulher nem comida nos deixava. Como se atrevia a falar em sacrifício?

Ela acaricia-me a cara e os ombros. Fala-me ao ouvido.

– Sabes que, depois, a mãe compensa-te. É só não dizeres nada ao papá. A última conversa com o papá não correu bem, pois não?

Estremeci. Lembrava-me bem dos socos que ele deu – ainda me doíam.

– O que é que queres, filha? A mãe dá.

– Não quero nada.

– Não queres nada? Não queres um vestido novo ou ir ao circo com os teus amigos? Gostas tanto.

– Quero o que é meu. O meu dinheiro. Foi a mim que mo deram.

– Sabes que a roupa anda a deixar de servir à mana. Ela ontem viu aquela *Barbie* na montra e fez uma cara tão feliz. Se tivesse mais dinheiro, podia dar-lhe. Mas a mesada do teu pai acabou, filha.

Sabia onde ela queria chegar com aquela conversa. Por dentro, senti uma fúria. Reprimi a raiva e o choro. Ela não ia ganhar – não ia chorar à frente dela.

– Leva.

– Obrigada, filha. És uma boa menina. És boazinha desde bebé.

Ela beija-me a cabeça e abre o meu livro de cabeceira, para tirar o resto do dinheiro.

Continuo a fazer os trabalhos de casa e ignoro-a completamente. Ela guarda o dinheiro no bolso e volta para junto de mim.

– Agora dá-me um abraço.

Continuo quieta. Firme e sossegada. Nem lhe respondo.

– Dá um beijo à mãe, minha filha.

Nem um músculo mexo.

Ela chega perto da minha secretária e puxa-me os braços à volta do pescoço. Encosta a cara contra os meus lábios.

– Dá um beijinho à mãe, filha.

Ela espera. Não me mexo.

A mulher afasta-se. Ouço-a chorar.

– Sempre distante. Altiua. Quando foi a última vez que deste um beijo à mãe?

Continuo a ignorá-la.

– O teu pai diz que um dia alguém vai conseguir baixar essa tua crista.

Continuei a ignorá-la. Sabia que ela iria vingar-se do meu desprezo.

– Amanhã, vamos ao cabeleiro. Está na altura de fazeres novamente uma franjinha.

Ela disse-o com aquele tom doce e dissimulado. Nada era mais traiçoeiro neste mundo.

As mães carregam os filhos no ventre. Alimentam-nos com o sangue. Dão a vida por eles.

Mas esta não.

Esta mulher diz-se minha mãe.

Mas quem é ela?



Monte de Caparica

David,

O nosso amor foi sempre muito pouco convencional. Raramente temos demonstrações de carinho em público. Passamos o dia a provocar-nos. Lemos livros do Kundera e temos discussões de morte por termos interpretações diferentes. E gostamos de avaliar gajas juntos. Atrizes, modelos, colegas. Gostamos de vê-las juntos.

– E esta aqui? Partia-la, Sara?

– Partia, sim. Tem um olhar provocador que me fascina. Se fosse gajo, ia lá.

– Pensava que ias falar do cu ou das mamas. É nisso que nós, gajos, reparamos.

– Isso é tudo treta. Não é só nisso que vocês reparam. Se fosse só isso, levavam qualquer uma para casa.

Ris-te com as minhas respostas.

– Achas que consegues compreender melhor os homens do que eu, não é?

– Não melhor do que tu. Melhor do que todos os homens no geral.

– Ah, ah, ah! Sempre com a resposta na ponta da língua.

– E esta aqui?

– Partia. E tu?

– Só vejo mamas. Mas partia também.

– És única. É por causa destas coisas que gosto de ti. Mais nenhuma mulher no mundo seria capaz de avaliar gajas com o namorado e dizer que as partia.

– Só para que saibas que, se entrasse em competição contigo, de certeza que comia mais gajas que tu.

– *Uhuhuh...* Isso é um desafio?

– Falo de gajas porque quero falar de tudo contigo. Não tenho medo. Enquanto falares de gajas comigo, e ao meu lado, não vais ter vontade de saltar para cima de outra.

– Nunca pensei em saltar para cima de outra. Tu és tu. Sabes?

– Sim. E tu também.

Quanto mais te conheço, mais sou tua. Tinha medo de pertencer a alguém. Mas contigo não tenho. Contigo quero ser mulher – a tua mulher.

A primeira vez que fiquei nua à frente de um homem foi contigo. Tinha alguns complexos com o meu corpo. Achava que tinha as mamas demasiado pequenas. Mas disseste que eram lindas. Que eram as mais bonitas que tinhas visto.

Foi esquisito ver-te nu pela primeira vez. O teu corpo era tão diferente do meu. O teu cheiro era tão diferente. Muito mais intenso.

Ao ser tua, nasci como mulher. A mulher que havia em mim, e que não conhecia, nasceu. Gosto dela.

Acreditava que iria casar virgem. Agora já não vou a tempo. Pergunto-me se me precipitei. Mas nós fazemos tanto sentido. Faz tanto sentido sermos um só.

Ainda me sinto desconfortável, não me é natural ser tua mulher. Mas guias-me. Perco o medo e fica o desejo. Desejo-te tanto que nem consigo gritá-lo.

Somos o casal menos credível de sempre. Mas aposto que não há ninguém tão feliz com nós.

Sara